

Amar Nossa Vocação Xaveriana nas Américas

A caminho do XVIII Capítulo Geral

Rafael Lopez Villasenor

Este texto foi escrito a partir de uma reflexão pessoal, para animar o encontro on-line, em preparação para a celebração do XVIIIIG sobre o tema "**Amar a nossa vocação xaveriana**", tentando levantar alguns elementos ou dar contribuições sobre a realidade do continente, sobre as mudanças do tempo e alguns desafios missionários a partir da realidade. Não pretende ser uma análise da realidade, porque não é possível devido à complexidade das realidades e situações, por isso não falamos da América, mas de Américas com línguas, realidades e culturas muito diferentes.

Amar nossa vocação

O título do tema do XVIII Capítulo Geral nos coloca diante de algumas questões que não são filosóficas, nem mesmo religiosas: O que é o amor? Quer dizer, para descobrir o significa amar a própria vocação, temos que pensar primeiro: o que é o amor nas experiências de vida que tenho, na minha cultura, na minha sociedade? As respostas são dadas de acordo com as experiências, de acordo com os contextos, amar para muitos tem a ver com sofrimento, com fingir, com suportar, com dar totalmente...

Falar de vocação leva-nos a pensar que toda vocação implica compromisso de amor e fidelidade com Deus e de serviço ao Reino, aos pobres e à missão. Amar a própria vocação significa viver a fidelidade, algo muito importante em todas as dimensões da vida, não só para a vida consagrada missionária do xaveriano. Quando surge a falta de autenticidade, de amor e de fidelidade à nossa vocação, os conflitos internos começam a questionar a integridade e a veracidade da vocação.

A vida consagrada missionária é uma vocação de amor doada, não é uma carreira profissional filantrópica, onde nos entregamos a um trabalho humanitário. É um chamado de Deus, a iniciativa é Divina, para um modo de vida. A vocação é um convite para que a pessoa se doe totalmente de acordo com o desígnio do seu Coração. Nós nos entregamos completamente a uma Pessoa que é Amor. Trata-se de buscar juntos, em comunidade, a ajuda necessária para amar a NOSSA vocação xaveriana, para nos colocarmos a serviço do Reino de Deus. Amar a nossa vocação é um amor que não se compara a outros amores, pois é eminentemente pleno e traz imensa alegria ao coração.

Viver na fidelidade da nossa consagração

Fidelidade não deve ser confundida com cumprimento de rotina, perseverança, pontualidade, imobilidade, conservação... A fidelidade tem a ver com a aliança, o dom, a luta, a comunhão, a novidade, o êxodo, a conversão, a abertura... Significa enfrentar a experiência de nossa espiritualidade em uma sociedade líquida, vivendo o amor e a fidelidade por nossa vocação missionária, no contexto em que atuamos.

A fidelidade ao próprio carisma xaveriano prova que ele nos leva, como consagrados, a dar um testemunho qualificado em toda a parte, com a lealdade profética que não tem

medo de arriscar até a própria vida. A fidelidade ao carisma nos compromete a ser fiéis a um estilo de vida fraterno próprio de nosso Instituto missionário.

A expressão do amor e da fidelidade à nossa vocação são vividas no cultivo da fidelidade da nossa espiritualidade xaveriana: "Espírito de fé viva que nos leva a “ver Deus, amar Deus, procurar Deus em tudo, aguçando em nós o desejo de propagar em toda a parte o seu Reino” Espírito de obediência pronta e generosa. Espírito de amor intenso pela família xaveriana" (C 3). Algumas perguntas podem nos ajudar a viver a fidelidade, a perseverança e o amor por nossa vocação xaveriana a serviço do Reino: Como amar nossa vocação xaveriana nas Américas? Como amar a Deus? Como ver Deus na realidade onde estamos trabalhando?

Enfim, amar a nossa vocação no contexto das Américas, continente de batizados, mas não de evangelizados, continente de grandes contradições sociais, políticas, religiosas...

Uma realidade social desigual

No nosso continente existe uma distribuição social muito desigual dos recursos econômicos, uma das mais desequilibradas do mundo. "Ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres." Podemos dizer rapidamente que existem três fatores críticos que podem explicar a desigualdade:

1. A posição dentro de um sistema econômico global com uma estrutura social praticamente pré-moderna, composta pela casta dos absurdamente ricos no topo e a maioria numérica da população na base, não integrada, com poucas oportunidades de melhorar seu estilo de vida.
2. Colonialismo interno com a manutenção de categorias raciais. Há uma forma interna de colonialismo com hierarquias étnicas, divididas entre afrodescendentes, indígenas, empobrecidos e a classe branca e burguesa. Há racismo, exclusão social, marginalização e preconceito com os pobres.
3. O subdesenvolvimento das estruturas estatais. Com pouco investimento do Estado nos lugares pobres e mais excluídos, priorizando os ricos e as classes altas nos serviços básicos do Estado.

Divisões ideológicas

Vivemos uma polarização ideológica, que causa divisões na sociedade (eles e nós), alimentada por *fake news*, por um fanatismo que tenta impor a “sua verdade” como realidade, através do uso e abuso das redes sociais.

Nas últimas eleições nacionais (Brasil), surgiu um acentuado posicionamento ideológico entre aqueles que se dizem de esquerda e os que se dizem de direita, seja politicamente, socialmente, mas até em contexto eclesial. Neste momento o antagonismo ideológico é evidente no México e no Brasil, imagino que também em outros países das Américas.

No campo religioso

Vivemos um período de secularismo. Houve um tempo em que os incrédulos eram raros ou muito poucos. Quase todos eram católicos ou religiosos. A religião estava na vida

cotidiana. Os sinais religiosos ditavam o tempo do sagrado. O ano era determinado pelos tempos litúrgicos, com suas festividades e celebrações sagradas, o dia obedecia ao ritmo marcado pelas sucessivas horas sagradas, o toque do "Angelus", o chamado à missa, o terço, o ofício religioso. O relógio paroquial distinguia o tempo sagrado e o profano. Essa realidade mudou no nosso continente.

Neste período de transformação da realidade, muitas pessoas deixaram as instituições religiosas, surgindo os o grande grupo dos católicos não praticantes. Surgiu com esse um novo grupo religioso chamado "sem religião", ou seja, sem instituição religiosa, pessoas que acreditam em Deus, mas não querem saber de Igreja, adotam, em grande parte, um certo sincretismo religioso a partir de suas próprias necessidades, costumam dizer "Deus sim, Igreja não". A religião e as crenças também não são mais herdadas ou transmitidas de uma geração para outra. Há, inclusive, um aumento notável de evangélicos pentecostais e, como consequência, o número de católicos diminui.

Historicamente passamos da hegemonia católica para o pluralismo religioso, fenômeno caracterizado pela perda de fiéis da Igreja Católica, pelo aumento de evangélicos pentecostais e daqueles que se dizem "sem religião". No entanto, há também um pentecostalismo católico (RCC) que a única coisa que o torna diferente das Igrejas pentecostais é a piedade à Virgem Maria com a oração do Rosário, a obediência à Igreja e ao Papa, enfim o fervor à Eucaristia; Fora desses elementos não há muita diferença com o pentecostalismo evangélico.

Vivemos em uma sociedade líquida

A realidade é marcada por mudanças intensas, rápidas e profundas, que enfraquecem e alteram paradigmas tradicionais, tudo se transforma rapidamente, e por isso podemos falar de "liquidez". As grandes mudanças de tempo são semelhantes com a "liquidez", ideia que melhor se encaixa com a realidade que se vive atualmente. Nesse sentido, os líquidos estão sempre prontos para mudar de forma rapidamente. A mobilidade que os caracteriza faz com que passem pela leveza do estado gasoso, associado à mobilidade e inconstância. A situação da época atual pode ser muito semelhante a essa condição dos líquidos. A modernidade líquida é caracterizada pelo individualismo, consumismo e subjetivismo.

Modernidade líquida fundiu os sólidos, a tradição. Os sólidos são destruídos, derretem e tornam-se líquidos. Tudo se torna temporário, provisório e líquido. As certezas da modernidade sólida acabaram, muitas utopias desmoronaram ou não existem mais. A sociedade sólida, com seu totalitarismo e rigidez, não se adaptou aos novos modos de vida.

Hoje tudo parece ser líquido, ou seja, provisório. As relações humanas são provisórias, os casamentos, o emprego, as alianças e os pactos também são provisórios e oportunistas. Vivemos num clima de incerteza quanto ao futuro. Enquanto isso, a Vida Religiosa Consagrada sustenta a perpetuidade dos compromissos, sofrendo até mesmo as amargas perdas de pessoal que a abandona. Isso sugere que, se a dedicação a valores duráveis está em crise, é porque a própria ideia de duração também está em crise. Em outras palavras, valores estáveis e duráveis têm pouca chance de ocorrer em uma vida fragmentada vivida em episódios e eventos desconexos. Mesmo as novas gerações não respiram um clima

cultural religioso católico herdado da família. Eles vêm de várias experiências líquidas transitórias.

Diminuição das vocações e alta idade

Vivemos um declínio das vocações para a vida religiosa e missionária no nosso continente. Em tempos líquidos existem as saídas de muitos jovens com votos temporários e abandono após a ordenação sacerdotal. Penso que, diante dessa realidade em que vivemos, devemos nos perguntar: como apresentar nossa vocação para jovens e adolescentes de forma atrativa? Como viver nossa fidelidade e amor por nossa vocação xaveriana?

Vivemos novos desafios como o avanço da idade de nossos confrades, a escassez de vocações, as saídas de jovens após a ordenação e à meia-idade, envelhecemos mais a cada dia. O envelhecimento gera a diminuição de nossas forças físicas e traz incertezas no futuro próximo, o que deve nos levar a repensar os compromissos em algumas frentes para impedir um reposicionamento.

Tempo de crise? ou precisamos nos reinventar

De acordo com as estatísticas da Vida Religiosa Consagrada, todas as congregações têm um início carismático, cheio de fervor, projetos, expansão, mas depois atingem um estágio de acomodação, tranquilidade, bem-estar e finalmente, pouco a pouco, passam por um tempo de CRISE, abandono do carisma, conflitos, divisões... Com o passar dos anos, o início carismático é esquecido.

As crises ocorrem, segundo as estatísticas, entre 150 e 200 anos de fundação. Das congregações fundadas antes de 1800, 76% não existem mais. Das congregações fundadas depois de 1800, 64% terminaram. Poucas congregações da Idade Média sobreviveram até hoje, talvez, cumpriram sua missão. Penso que essas estatísticas não devem nos assustar, servem apenas para questionar nossa fidelidade e amor a nossa vocação xaveriana a serviço do Reino de Deus e para nos ajudar a nos reinvestir de acordo com o nosso tempo, sendo sempre sinais do Reino.

Além disso, podemos dizer que nas Congregações existem três tipos de membros: 20% seriam excelentes, que carregam a instituição; 60% seriam médios, que acompanham as iniciativas das congregações; 20% seriam aqueles que devem ser carregados, ou seja, são mantidos e não têm iniciativas, alguns destes, sem querer julgar ninguém, apenas parasitam na instituição.

Enxergar o futuro com esperança

Olhemos para o futuro com esperanças, sonhos e utopias, apesar dos desafios que vivemos. Não desanimemos nem caiamos no pessimismo diante do envelhecimento, da diminuição de forças, incertezas e inseguranças. É verdade que há uma diminuição das vocações missionárias no nosso continente, mas esta realidade deve encorajar-nos a reinventar-nos e a investir-nos com maior dedicação e força na cultura vocacional nas nossas comunidades e nas nossas circunscrições. Precisamos de um reposicionamento dos nossos compromissos, priorizando as frentes missionárias mais alinhadas com o nosso carisma.

Questionamentos:

Podemos ler os sinais dos tempos na sociedade líquida que vivemos?

De que maneira nossa Circunscrição, Instituições e Comunidades podem amar nossa vocação xaveriana em contexto de modernidade líquida?

Como realizar uma ação missionária de acordo com o carisma xaveriano em nossa Circunscrição, Instituições e Comunidades?

Muito obrigado!!!

Rafael Lopez Villasenor, sx